

AMÉRICA! AMÉRICA!

(A propósito de *Habits of the Heart*)

Robert N. Bellah, Richard Madsen, William M. Sullivan, Ann Swidler e Steven M. Tipton, *Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life*, Berkeley, University of California Press, 1985 (xii+355).

Quem são os Americanos, o que pensam da sua vida e como deverão vivê-la no futuro são as três grandes interrogações que desde o Prefácio percorrem as mais de 350 páginas de *Habits of the Heart*. São questões dirigidas por americanos a americanos o que faz deles sujeito e objecto simultâneos desta obra confessadamente inspirada na *Democracy in America* de Alexis de Tocqueville que, como se sabe, não deixou nunca de atrair as atenções de políticos e académicos americanos. *Habits of the Heart*, situado na chamada crítica comunitarista ao liberalismo, lança um desafio sobre o entendimento da relação entre o individualismo e a solidariedade, culminando uma década de intenso debate académico e situando-se ao lado de importantes intervenções como as de Christopher Lasch (*The Culture of Narcissism*), Alasdair MacIntyre (*After Virtue*), Michael Sandel (*Liberalism and the Limits of Justice*) e Jeffrey Stout (*Flight from Authority*), entre outras. Ao retirar de Tocqueville a inspiração para o seu título, Robert Bellah e os seus associados previnem os leitores para uma análise dos costumes e valores dos cidadãos (a esfera privada), estudados na sua relação com as organizações sociais e políticas americanas (a esfera pública).

Antes de chegarem a este trabalho colectivo, a relação indivíduo-comunidade constituía já, sob diferentes formas, o objecto de estudo privilegiado de cada um dos autores de *Habits*. Bellah é um ilustre estudioso da cultura e das religiões, tendo

publicado, em 1957, *Tokugawa Religion*, um estudo sobre o impacto da religião na sociedade japonesa. Em *The Broken Covenant* (1975) retoma a questão do lugar da consciência religiosa na sociedade americana a que se dedicara anos antes (*Beyond Belief*, 1970) para demonstrar como o enfraquecimento da ética religiosa contribui para que os EUA enfrentem, neste último quartel do século, a sua terceira grande crise de identidade nacional, depois do período revolucionário da fundação e da Guerra Civil. Por seu lado, Richard Madsen (ex-missionário católico) dedicou atenção particular aos mecanismos de constituição de um discurso moral entre os activistas políticos da China rural dos anos 60 (*Morality and Power in a Chinese Village*, 1984), enquanto William Sullivan se dedicou ao estudo filosófico do liberalismo que considera ser uma plataforma em que se articulam interesses pessoais dos indivíduos, mas que, por estes estarem sujeitos a manipulação, tem contribuído, no plano prático, para a profunda crise de valores das sociedades contemporâneas mais avançadas (*Reconstructing Public Philosophy*, 1982). Ann Swidler advoga no seu *Organization Without Authority* (1979) que a vida social das organizações (colectividades, associações e comunidades) funciona sob um complexo feixe de relações informais de regulação e Steven Tipton é um crítico do liberalismo americano dos anos 60 que considera deficitário na concretização das suas promessas, pelo que, apesar das reformas, persistem na sociedade americana numerosas manifestações de desorientação e mal-estar colectivos, de que o Vietname é o exemplo mais dramático (*Getting Saved from the Sixties*, 1982).

Habits é um livro notável e intrigante. Desde logo pelo objecto de estudo. O confronto do indivíduo com a sociedade, a análise das suas linguagens, dos mitos político-religiosos e das práticas sociais é, em conjunto, uma matéria interessantíssima. Pena é que tarde em ser estudada noutras reali-

dades para além dos EUA. Também os instrumentos metodológicos são usados de forma inovadora e, como veremos adiante, arriscada. A entrevista a cidadãos "médios" americanos procura detectar não somente a sua maneira de estar e de pensar, mas também confrontar, pela análise de conteúdo, o seu grau de fidelidade aos princípios político-filosóficos que, para os autores, conformam, desde a sua fundação, o imaginário identitário dos EUA. *Habits* é, portanto, também uma eloquente narrativa sócio-histórica, oferecida em escrita elegante e de fácil leitura.

O problema intelectual central de *Habits* é a forma e a intensidade com que se chocam e se afastam gradualmente indivíduo e comunidade na sociedade americana de hoje. Este choque e afastamento, que fora já detectado nos finais do século XVIII por J. Hector St. John de Crèvecoeur, quando discorria sobre a transformação do emigrante europeu em cidadão americano, seria retomado por Tocqueville que acrescentaria à interpretação de Crèvecoeur uma compreensão mais fina da formação da nova sociedade em vista da sua análise das convicções republicanas e da influência religiosa. Para Tocqueville, a democracia americana ao libertar o indivíduo de obrigações e estruturas autoritárias, fomenta o atomismo individualista. Sem conduzir a qualquer nova tirania, este isolamento dos sujeitos no seu espaço familiar ou de amigos fomenta uma nova forma de dominação social e política (centralização do poder e opinião pública) onde pontuam irremediavelmente a apatia e o despotismo democrático.

Esta visão de Tocqueville é contestada em *Habits* quando são denunciados o vazio e a falta de sentido impostos pelas relações de vizinhança (num sentido sociológico amplo) em que os indivíduos se refugiam, praticam e partilham interesses e estilos de vida semelhantes. Estes enclaves ou nichos de estilos de vida (*lifestyles enclaves*) têm a sua própria linguagem, a linguagem utilitária e expressiva do individualismo, que coexiste, contraposta e sem articulação, com uma segunda linguagem, a do colectivo e da comunidade de associações. Para os autores de *Habits*, reside aqui a questão política mais preocupante da América de hoje: a incomunicação entre o público e o privado elimina a possibilidade de tornar pública a virtude privada. O próprio sentido histórico de comunidade (*community of memory*) está posto em causa e, com ele,

a conjugação entre as formas passadas e presentes de estruturação do carácter individual dos sujeitos.

Do ponto de vista metodológico, *Habits* assenta na informação obtida num conjunto numeroso de entrevistas aprofundadas (mais de duzentas) a cidadãos americanos, residentes na Califórnia. Esta opção metodológica não pode deixar de condicionar a estratégia argumentativa desta obra em que o individualismo é sobretudo analisado nos discursos produzidos pelos sujeitos com recurso à técnica da análise de conteúdo. Mas há outras implicações decorrentes do método. Ao longo de *Habits*, há uma insistência particular nas histórias de vida de quatro personagens: Brian Palmer e Margaret Oldham ilustram o discurso individual de sujeitos para quem o sentido da sua vida é conferido pelo universo privado das suas relações (o casamento, e sobretudo o segundo casamento do primeiro e a experiência profissional de terapeuta da segunda). Joe Gorman (um cidadão empenhado na sua comunidade de residência) e Wayne Bauer (um sindicalista) recolhem no espaço público o sentido da sua vida privada. Na narrativa de *Habits*, o que estes "cidadãos médios americanos" têm de diferente entre si, esbate-se naquilo que têm de comum: a noção que oferecem do seu carácter pessoal exclui qualquer relação de alteridade, pelo que a convivência com outros é meramente instrumental e validade apenas enquanto sustenta a satisfação pessoal. Daqui que seja também comum a linguagem utilitária (faço aquilo que me dá prazer) e contratualista (dar e receber) em que se expressam. Mesmo no caso particular de Brian Palmer que fala do seu segundo casamento em termos de reciprocidade, envolvimento, objectivos partilhados e respeito mútuo, os autores de *Habits* concluem sem hesitação pela incapacidade dos americanos em aceder a uma linguagem coerente que não seja a linguagem individualista utilitária e expressiva. O problema reside na legitimidade com que se transportam para uma América multi-étnica, classista e de oportunidades profundamente desiguais, os traços vinculados da personalidade, valores e comportamentos egoístas destes californianos, brancos de classe média e extracção urbana. Ficamos sem saber que diferenças, se alguma, nos ofereceria *Habits* da imagem dos EUA, tivessem os seus informantes privilegiados sido escolhidos por outros critérios que não os decorrentes desta metodologia de exclusão.

Não se deve ignorar a hipótese de a própria técnica de entrevista reforçar a visão de individualismo que encontramos em *Habits*. Mas disso mesmo estão conscientes os autores que validam o recurso a uma técnica de matriz marcadamente clínica pelo facto de na *middle America* as ideologias e valores terapêuticos estarem a tornar-se valores culturais. O *being good* da linguagem do bem-comum não pára de ceder terreno perante o *feeling good* da linguagem clínica. O que os autores de *Habits* chamam de "complexidade invisível", ou seja, a dificuldade da cultura individualista em lidar com as diferenças sociais e culturais, é o resultado político imediato desta predominância da linguagem psicoterapêutica, expressão terminal do individualismo. Os *media* não escapam a esta tendência ao mostrarem-se muito mais interessados em explorar o carisma e os conflitos dramáticos dos políticos do que as suas posições acerca da política.

O leitor de *Habits* gostaria, por certo, de encontrar as transformações culturais interpretadas não só à luz de uma análise das instituições e organizações americanas, como Tocqueville ousou fazer na sua *Democracy...*, mas também das condições sociais e económicas que as acompanham. A ausência quase total de uma análise deste tipo deixa em aberto muitas questões suscitadas em *Habits*. Por exemplo, não são nunca explicados, mas somente identificados, as formas, modelos e condições em que evoluíram as relações indivíduo-sociedade nos EUA, desde a sua fundação. Sendo brilhante a forma como são trabalhados diversos textos históricos e confrontada a sua mensagem com a actualidade, omite-se, no entanto, uma explicação por que se terá esvanecido a tradição bíblica do tempo dos fundadores (de Winthrop a Washington e Jefferson), ou a virtude cívica e republicana de um período tão longo como o que vai de A. Lincoln a M. Luther King.

Resulta daqui que *Habits* dificilmente escapa à visão nostálgica de um passado heróico. Com efeito, a simpatia teórica pela sociologia de Durkheim é levada ao extremo quando *Habits* acentuam, em meu entender, exageradamente, as virtudes da moral comunitária como solução para a presente crise cultural (e social) dos EUA. O "absolutismo" com que Parsons (1977) criticou a análise do fenómeno religioso de *The Broken Covenant* podia aplicar-se igualmente a *Habits* em vista do mito judaico-

-puritano que perpassa a sua sociologia. A julgar por *América* de Baudrillard, esta visão nostálgica, presente em tantos intelectuais americanos, roça os limites da utopia e falha no domínio da realidade.

Creio também que o faz com um discurso de forte componente moral e militante, ainda que por boas causas: a libertação dos negros, a questão das mulheres, do ambiente, da paz, da tecnologia, da justiça económica, etc. *Habits* crê que é possível superar os desequilíbrios da sociedade americana moderna. Para tanto, tem que re-emergir a virtude cívica perdida e reconstituir-se um sistema de valores ético-religiosos, sem dispensar o debate público e democrático (a *religião civil*, de que falava Rousseau e que Bellah retoma, 1977), em geral inexistente nos EUA. Segundo *Habits*, o re-encontro dos EUA consigo mesmos, a construção de uma sociedade re-equilibrada (pós-moderna?), exige uma república de virtudes que só poderá ser pensada com recurso a um paradigma sociológico novo. Sem dar tréguas à sua generosidade, tanto política como teórica, Bellah e os seus colegas, reanimam Montesquieu e desejam ver as "pessoas boas" (guiadas pela liberdade política e pelo ethos moral da identidade religiosa) nos lugares-chave da política e da cultura.

O compromisso mais ou menos harmonioso entre o público e o privado, que *Habits* advoga ter constituído o passado perdido dos EUA e deseja ver refeito no futuro, é um tema clássico de toda a teoria política aplicada aos regimes democráticos. Sem pretender acusar *Habits* de idealista quanto ao passado e de utópico quanto ao futuro, pela minha parte, enquanto o público permanecer o domínio das "artes do possível" e das "políticas de interesse" que revertem em favor e reforçam o poder dos cidadãos "mais competentes", julgo que os indivíduos e os sectores sociais americanos tanto os que foram tratados como os que foram excluídos de *Habits* não abdicarão dos seus direitos individuais e espaços privados, e tenderão mesmo a reforçá-los. É sem dúvida bom para o coração. Mas como será para os *hábitos*? ■

Referências Bibliográficas

- Baudrillard, Jean (1989) *América*, Lisboa, J. Azevedo Ed..
- Bellah, Robert N. (1957) *Tokugawa Religion: The values of pre-industrial Japan*, N. York, Free Press.

- Bellah, Robert N. (1970) *Beyond Belief: Essays on religion in a post-traditional world*, N. York, Harper and Row.
- Bellah, Robert N. (1975) *The Broken Covenant: American civil religion in time of war*, N. York, Seabury Press.
- Lasch, Christopher (1979) *The Culture of Narcissism*, N. York, W. W. Norton.
- MacIntyre, Alasdair (1981) *After Virtue: A study in moral theory*, Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- Madsen, Richard (1984) *Morality and Power in a Chinese Village*, Berkeley, University of California Press.
- Parsons, Talcott (1977) "Law as an intellectual stepchild", *Sociological Inquiry*, 47, 11-58.
- Sandel, Michael (1982) *Liberalism and the Limits of Justice*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Stout, Jeffrey (1981) *Flight from Authority*, Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- Sullivan, William (1982) *Reconstructing Public Philosophy*, Berkeley, University of California Press.
- Swidler, Ann (1979) *Organization Without Authority: Dilemmas of social control in free schools*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press.
- Tipton, Steven (1982) *Getting Saved from the Sixties: Moral meaning in conversion and cultural change*, Berkeley, University of California Press.
- Tocqueville, Alexis de (1969) *Democracy in America*, (2 vols.), Garden City, N.Y., Doubleday (ed. or. 1835).

Carlos Fortuna

Pfaffenberger, Bryan. *Microcomputer Applications in Qualitative Research*. Newbury Park, Sage, 1988.

1. Introdução

O micro-computador tem-se revelado um fenómeno económico, social e cultural fascinante, mas, ao mesmo tempo, um factor de perturbação, não só ao nível dos novos sistemas de organização do trabalho em geral, como, em particular, no âmbito do

trabalho intelectual. Neste último campo, na medida em que se afirma hoje como produtor e reproduzidor do conhecimento em moldes originais e vertiginosos, esse objecto técnico — provavelmente o mais paradigmático da pós-modernidade — promete provocar, segundo os seus defensores mais optimistas, uma revolução do saber e do nosso modo de pensar pelo menos comparável à Revolução científica do século XVI.

Porém, a outra face desta intromissão é o perigo que tal aceleração do entendimento significa, como potenciadora de possíveis conflitos, em torno das práticas, normas, opiniões e atitudes legitimadas e, em especial, relativamente aos lugares de poder dos actuais detentores do saber, na dimensão da sociedade global, na maior parte das instituições e, especificamente, nas diversas comunidades científicas. De onde se depreende que, se é necessário demonstrar que o computador-rei vai nu, torna-se prioritário, simultaneamente, desmistificar as nossas apreensões, reservas e suspeitas, quanto a esse instrumento tecnológico que, antes de o ser, se define como fundamentalmente sociológico.

Ora, o interesse do livro de Pfaffenberger reside precisamente no facto de assumir estes dois propósitos, e a vários níveis:

— Introdz um **campo substantivo actual**, o micro-computador dentro do seu uso metodológico na pesquisa, respondendo, deste modo, a uma certa carência de obras reflexivas e reflectoras do estado das práticas e dos procedimentos de saber automatizados que se têm vindo a generalizar.

— Revisita a discussão em torno da **oposição entre as metodologias quantitativas e as qualitativas**, mostrando que as últimas adquirem uma pertinência crescente nas Ciências Sociais.

— Coloca-se sob um **prisma sociológico**, sem deixar de avançar conselhos técnicos, não veiculando, no entanto, um tom tecnocrático na exposição.

— Desenvolve uma **aproximação problemática e crítica**, e não predominantemente descritiva, como nos acostumaram muitos textos da área.

2. Estrutura da obra

O autor divide o seu ensaio em 5 direcções:

— Uma introdução, onde os **objectivos** principais são expressos.

— Uma apreciação global sobre a influência das **novas tecnologias na investigação qualitativa**.

— As estratégias de armazenagem e recuperação de **dados textuais**, os mais correntes na pesquisa qualitativa.

— A **análise de dados automática**.

— As opções a tomar em redor dos chamados **sistemas periciais**, que organizam as informações não em termos de dados, mas essencialmente por meio de regras do saber ou da acção, em suma, do saber agir, prática ou teoricamente.

3. Questões, hipóteses e teses preliminares

Bryan Pfaffenberger expõe, logo de início, a sua preocupação fundamental, que apresenta sob um duplo prisma: se é importante passar em revista os recentes modos de aplicação dos **micro-computadores na pesquisa qualitativa**, não será possível fazê-lo sem nos situarmos no interior de um **posicionamento crítico**, pensando as vantagens e os inconvenientes de tal entendimento.

Deste modo, adverte o leitor para as **visões teóricas** demasiado positivas e ingênuas ou, pelo contrário, catastróficas, que se pronunciam **sobre as consequências da automatização**. As primeiras, messiânicas, advogam que o micro-computador trará a igualdade de oportunidades para a generalidade das classes sociais, etnias, ideologias e grupos minoritários. No pólo oposto, situam-se os apologistas da natureza desumanizante, quantitativista e mecanicista do micro.

Estas tomadas de posição exacerbadas significam, antes de tudo, que o computador não deixou nunca de manifestar um **impacto notável sobre as nossas sociedades**, desde o seu aparecimento. Uma tal presença, afirma o autor, não se pode conceber como influência de uma *coisa* material sobre as pessoas (máquina contra o homem, etc.). Antes se deverá considerar que, de início, as tecnologias possuem uma dimensão social, necessariamente articuladas com a dimensão do pensamento que se foi transformando, de um modo gradual, em razão tecnicamente codificada. Tanto assim é que a própria metodologia tecnológica pode ser apropriada como

campo substantivo da análise sociológica. Assim, confessa-nos o autor, o seu texto conversa em duas vozes: Uma, prática e metodológica, outra, crítica e teórica.

Por conseguinte, a obra de que aqui se fala não se confunde com um manual de equipamentos ou de programas de computador específicos, pleno de esquemas e conjuntos de procedimentos performativos. Apenas percorre os principais **géneros** pertinentes para a compreensão da metodologia qualitativa automatizada, e nesse sentido não se tornará desactualizada nos próximos anos, visto que os estilos de fazer Ciência com o computador estabilizaram notavelmente, após a criação de múltiplos tipos de *software* e de soluções de *hardware*, que se divulgaram nos anos 80, cristalizando-se hoje, de algum modo, num certo **classicismo informático**.

Nesta ordem de ideias, Pfaffenberger desmistifica a **homologia** que, não raras vezes, se estabelece **entre o computador e dimensão do novo**, facto que, por si só, constitui um curioso fenómeno cultural. Na verdade, alguns conceitos hoje desenvolvidos em programas de ponta (por exemplo, o hipertexto) já tinham sido explanados teoricamente nos anos 40.

No que respeita a apreciação da **incidência das novas tecnologias na investigação**, o autor assinala, como primeira ideia, um **renascimento da pesquisa qualitativa**, o que não deixa de comportar consequências metodológicas e técnicas. Desde logo, ao nível da fontes. As "montanhas" de texto que se produzem e consultam requerem, em princípio, tarefas morosas, como as buscas manuais, as codificações de categorias e a recodificação das notas, a reescrita dos comentários e críticas do cientista, etc. Para solucionar estes problemas, as metodologias qualitativas propuseram, até há bem pouco tempo, as mesmas soluções de há largos anos atrás. As quantitativas, por seu turno, também apresentavam um certo marasmo antes dos anos 60. Com efeito, só nesse momento se aperfeiçoou, convincentemente, a fase de análise de dados, com o advento dos programas de estatísticas para computadores. Em 1946, afiança o autor, "... dois terços dos artigos de revistas sociológicas que empregavam métodos estatísticos, usavam apenas totais, percentagens, tabulações cruzadas simples." (p. 12). Hoje em dia, os métodos qualitativos encontram-se num momento de viragem, em vias de conquistar

as duas grandes vantagens que o computador já proporciona, há sensivelmente três décadas, às aproximações quantitativas: a rapidez de procedimentos e a sofisticação das técnicas analíticas. Contudo, o caminho para a correcta compreensão, pelos utilizadores, das possibilidades existentes ainda é longo, devido à raridade de textos que as clarifiquem. Tal é, portanto, o primeiro objectivo deste livro, anuncia-nos Pfeffenberger.

O segundo propósito do ensaio é alertar para as limitações dos mais evidentes e divulgados instrumentos informáticos de manipulação textual, ou seja, os **programas de tratamento de texto** disponíveis, devido ao facto de processarem os dados textuais como dados em geral, e não permitirem, por exemplo, o tratamento de diferenças semânticas.

Uma outra questão levantada refere-se ao impacto que o computador tem ou poderá assumir, directa ou indirectamente, na **construção da teoria sociológica**. A este nível, o autor comenta duas posições contraditórias que articulam a tecnologia e os comportamentos sociais, nomeando-as de *sonambulismo tecnológico* e de *determinismo tecnológico*. A primeira pressupõe que a relação do homem com as novas tecnologias, sendo óbvia, não necessita de qualquer explicação. Apenas interessa usar os novos instrumentos técnicos para "fazer", e o único critério da sua utilização, positiva ou negativa, é ético. Pelo contrário, a segunda proposta postula que a tecnologia determina, em grande escala, o comportamento das pessoas, e autonomiza-se continuamente em relação ao controlo humano. Pfeffenberger repara que ambas as teorias elidem a dimensão social da tecnologia, a primeira olvidando os seus possíveis efeitos, a segunda sobrestimando-os, ao relegar, no mesmo movimento reflexivo, o papel dos agentes sociais para o de espectadores passivos. No intuito de superar estas visões polarizadas, cita Mulkay e a sua proposição de que a verdade científica é social e politicamente construída e negociada. O mesmo sucede com a tecnologia, que se enquadra, em primeira análise, num contexto da organização do trabalho. Para além disso, torna-se indispensável introduzir uma reflexão epistemológica sobre as pré-noções, os vieses culturais e outras "pré-compreensões", nomeadamente os discursos quotidianos, que o cientista social transporta consigo, na sua relação com as novas tecnologias, em particular na pesquisa qualitativa.

Um outro aspecto importante consiste em não perder de vista o facto de que os próprios **programas de computador têm uma história social**. Os tratamentos de texto automatizados serviram, como objectivo original, para desqualificar e potencialmente substituir as dactilógrafas profissionais, cuja actividade englobava, de entre as tarefas mais importantes, a formatação das páginas, que hoje qualquer programa médio de computador realiza.

O próprio **acto de escrever** sofreu modificações profundas. Os escritores em geral, e os cientistas sociais em particular, encontram-se em desvantagem, neste caso em relação às dactilógrafas, já que os programas de tratamento de texto não facilitam a tarefa de comparação estrutural do texto, na medida em que a sua visibilidade no ecrã do micro, se restringe, normalmente, ao espaço de parte de uma página. Por outro lado, o aspecto final "limpo" e visualmente agradável da página impressa em computador pode revelar-se enganador, por conferir, precipitadamente ou de um modo simplista, autoridade e poder a um texto que, muitas vezes, não passa de esboço.

Todas estas considerações críticas em relação à dimensão sociológica das novas tecnologias e, principalmente, ao nível social da escrita textual automatizada, convergem na terceira grande meta que o autor se propõe alcançar, ou seja, tomar consciência dos respectivos efeitos no trabalho de pesquisa qualitativa a efectuar.

Especificamente, existem 3 **vantagens** notórias relativas ao uso dos micro-computadores na investigação qualitativa.

— A **entrada directa de informações no terreno**, por ex. de notas na observação directa ou de transcrições de entrevistas. As notas posteriores à estadia no campo são, contudo, as mais fáceis de registar no computador. Por outro lado, o desenho de esquemas e outras informações gráficas tornam-se difíceis de realizar e os computadores portáteis vendem-se ainda a um preço proibitivo.

— Existe hoje uma **ampla variedade de programas** que, embora não inicialmente pensados para o cientista social, podem ser adoptados ou adaptados facilmente para os seus propósitos (além dos tratamentos de texto, as bases de dados, os programas de análise literária, entre outros).

— O **controlo dos meios de produção científica**. Após a generalização dos mi-

cro-computadores, o cientista social torna-se, de algum modo, mais autónomo, porque pode prescindir de certos recursos "pesados" e onerosos (computadores de grande porte ou mini-computadores) existentes nos centros de investigação mais importantes e encontra-se, ainda, numa situação de menor vulnerabilidade face à pirataria ou aos vírus informáticos.

Pfeffenberger reporta, por outro lado, de entre os numerosos autores consultados, as análises de Sherry Turkle quanto ao carácter de **rito de passagem** inerente ao uso do micro, no sentido da aquisição de novos status. Cynthia Cockburn, também citada pelo autor, por seu turno, considera este objecto técnico como *símbolo masculino de poder*. Outros ensaios referem a **simbologia de competência** frequentemente associada à sua utilização, que actua paralelamente ao emprego distintivo, verbal ou escrito, dos grandes termos ou conceitos em meio académico. Em face disto, é primordial não perder o fim em vista, ou seja, a investigação e não tanto o computador usado para a empreender.

4. Conclusão

Será importante ou mesmo condição necessária para a construção de uma Sociologia Portuguesa mais interventora dedicar uma atenção acrescida à metodologia, no ensino e nos programas de licenciaturas e mestrados, obviamente, mas, em paralelo, no âmbito da investigação. Este projecto passa, desde logo, pela multiplicação de recensões críticas sobre métodos e técnicas, no sentido de proporcionar uma actualização contínua aos investigadores de metodologias. Longe de se revelar estagnante, esta área regista uma produção de novos títulos assinalável, nomeadamente no campo das técnicas automatizadas. Por outro lado, a discussão, em seminários e aulas, de experiências de investigadores, pessoais ou em equipa, pode revelar-se extremamente frutífera. Tudo isto de modo a estimular a capacidade de invenção destes pesquisadores de metodologias, no referente ao desenvolvimento de processos epistemológico-teóricos e de procedimentos técnicos originais e fiáveis. ■

Pedro de Andrade